

APROXIMAÇÃO DOS OBJETIVOS GERAIS DA LDB PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA COM AS FALAS DAS PROFESSORAS DAS SÉRIES INICIAIS A RESPEITO DAS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM

ROCHA, Lia Beatriz Munhoz - PUCPR
lia.m.r@terra.com.br

ANDRADE, Josicléia de Brito – ISE SION
jo_clei@yahoo.com.br

SILVA, Elenize Suélem Mylene da – ISE SION
ele.nize@hotmail.com

BARROS, Andressa Regiane de - PUCPR
an.dressa@yahoo.com.br

Área Temática: Educação: Teorias, Metodologias e Práticas
Agência Financiadora: Não contou com financiamento

Resumo

O presente artigo tem como finalidade apresentar parte dos dados do projeto de pesquisa intitulado Objetivos do Ensino Fundamental: teoria e prática, elaborada pelos alunos dos 5º e 6º períodos do curso de Pedagogia de uma Faculdade de Ensino Superior da cidade de Curitiba, na disciplina de Estrutura e Fundamentos das Séries Iniciais do Ensino Fundamental. O objetivo da pesquisa foi de verificar se há aproximação dos objetivos gerais da Educação Básica, no que dizem respeito à aprendizagem, propostos pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) 9394/96 com as falas dos educadores, relatadas em um questionário com perguntas abertas. O público pesquisado foi de trinta e um professores da rede pública e particular de ensino, da cidade de Curitiba, assim como região Metropolitana. Este estudo fará, primeiramente, a reflexão acerca do tema Aprendizagem, por meio de pesquisadores da Psicologia Cognitivista, para aproximar ao artigo 32º, particularmente os incisos I e III da LDB 9394/06, os quais enfatizam o desenvolvimento da capacidade da aprendizagem no Ensino Fundamental. Posteriormente, enfatizará o recorte da pesquisa, com o item Dificuldades de Aprendizagem, encontrados pelas professoras no Ensino Fundamental das séries iniciais, assim como os dados obtidos na pesquisa. E finalmente os resultados e considerações. O referencial teórico foi construído pelas idéias de POZO (2005), FREIRE (1998, 2007), CLAXTON (2005), BARBOSA (2007), entre outros. Os dados do estudo realizado mostraram que existe uma aproximação, por parte dos professores, aos objetivos da LDB 9394/96 e também que há preocupação no que diz respeito às dificuldades de aprendizagem dos alunos.

Palavras-Chave: Aprendizagem; Dificuldade de Aprendizagem; Ensino Fundamental; LDB 9394/96.

Introdução

O disparador desse artigo foi a pesquisa realizada no Instituto Superior de Educação Nossa Senhora de Sion, com trinta e um alunos dos 5º e 6º períodos do Curso de Pedagogia, sob supervisão e orientação da professora da disciplina de Estrutura e Funcionamento das Séries Iniciais do Ensino Fundamental, com o objetivo de entender até que ponto as falas das professoras do Ensino Fundamental estão em consonância com os objetivos do Ensino Fundamental propostos pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) 9394/96, especificamente ao artigo 32º, incisos I e III, os quais se referem à aprendizagem.

I – o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, escrita e do cálculo.

III – o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição do conhecimento e habilidades e a formação de atitudes e valores. (BRASIL, 1996)

O objetivo analisado enfatiza a formação básica do cidadão, sendo que os dois incisos dão ênfase à aprendizagem.

Por conta disso, os dados desta pesquisa foram levantados a partir de um questionário com perguntas abertas, elaborado em sala de aula, com os seguintes itens: tipo de escola, tempo de magistério, objetivos como educador, estratégias de aprendizagem, metodologia, dificuldades de aprendizagem, obstáculos, avaliação e diferenças culturais. Por se tratar de um recorte da pesquisa, este artigo tem como objetivo apresentar o referencial teórico acerca da aprendizagem e apresentar os dados coletados no item dificuldades de aprendizagem.

Desenvolvimento

Ao nos reportarmos para o início da nossa história, na prática pedagógica dos jesuítas, podemos ver que muito se reflete nos dias de hoje. Grandes transformações, reformas de ensino foram feitas, mas o que se vê é que, muitas vezes, a prática fica longe dos discursos, dos projetos pedagógicos, das missões das Instituições de Ensino e dos objetivos da LDB vigente. A vida dentro da sala de aula, a maneira que se ensina e conseqüentemente, que se

aprende conserva-se aquém do que se é discutido. Parece haver um descompasso entre o que a escola se propõe e o que realmente acontece no seu cotidiano.

Cada sujeito inserido no contexto educacional traz conhecimentos aprendizagens que influirão no papel que irão desempenhar, quer seja como docente, ou como discente. Claxton (2005) salienta que

Estar vivo é estar aprendendo. A aprendizagem não é algo que fazemos às vezes, em locais especiais ou em alguns períodos da nossa vida. É parte da nossa natureza. Nós nascemos aprendizes. [...] A aprendizagem modifica não somente o nosso conhecimento e o nosso agir, mas também o nosso ser (p. 16, 17).

É necessário entender que cada pessoa é o que é devido suas aprendizagens ao longo de sua vida.

Pozo (2005) parte do princípio que diversas espécies possuem mecanismos gerais de aprendizagem, sendo esta de forma associativa e por meio de condicionamento. Os seres humanos possuem este tipo de aprendizagem, porém, diferentemente dos demais organismos, têm sistemas de aprendizagem específicos e representação, com os quais é possível a aquisição do conhecimento. Para ele a aprendizagem é uma função biológica, que é desenvolvida nos seres vivos de certa complexidade, sendo que insinua em mudanças no organismo para responder as mudanças externas, sendo que estas são conservadas para futuras interações com o ambiente.

Para o autor explicar a diferença entre a aprendizagem humana da aprendizagem dos demais animais, utiliza-se da diferença a aprendizagem implícita, a qual é comum na maioria das espécies e a explícita, exclusivamente humana.

A questão da aprendizagem implícita ganha grande interesse pelo estudo dos processos cognitivos implícitos dentro da psicologia cognitiva.

A aprendizagem implícita é indireta, automática. Pode estar presente em diversas espécies, pois são produzidas sem a capacidade de ter a consciência das aprendizagens obtidas. É um mecanismo que possui a capacidade em gerar representações estáveis, duradouras, de forma associativa, generalizáveis do ambiente.

Neste tipo de aprendizagem as funções conscientes não existem. Ela acontece de forma quantitativa (grau) e não qualitativa (qualidade). Nela não há conhecimento, porém

responde à forma pelo qual o organismo interage com o ambiente obtendo uma natureza corporal, ou na fala de Pozo (2005), encarnada.

Diferentemente da implícita, a aprendizagem explícita e exclusivamente humana, do *homo discens*¹. Ela pode ser analisada em distintos níveis, sendo eles: comportamento, informação, representação e conhecimento, eles se encontram integrados e necessitam uns dos outros.

O comportamento é o movimento, tanto interno como externo, em resposta a forças, também internas e/ou externas. Ele é importante para a aquisição do conhecimento, do ponto de vista da Psicologia Cognitivista, mas não isoladamente. Pozo (2005) defende que para haver aprendizagem há a mudança de comportamento, mas corrobora com Lorenz (IN Pozo, 2005, p.42) na afirmação de que “a aprendizagem seria um sistema para adquirir informação, e não para produzir mudanças comportamentais ou energéticas”.

Para entender a aprendizagem no ponto de vista do autor, faz-se necessário entender que esta é uma função biológica, desenvolvida em seres com certo nível de complexidade, sendo que sugere mudanças no organismo a fim de responder às mudanças propostas pelo ambiente, com a exigência de dispor de distintos sistemas de memória e representação. Para explicar melhor cita-se Pozo (2005, p.36)

(...) a aquisição do conhecimento é um traço psicológico que diferencia o *homo discens* de outros sistemas que aprendem, por isso, o conhecimento como resultado da aprendizagem seria uma conquista *especificamente* humana(...) As mudanças produzidas pela aprendizagem [adquirem] novos *comportamentos*, na aquisição da *informação*, na modificação de *representações* ou na aquisição do *conhecimento*.

Pozo (2005) explica que para poder compreender a natureza cognitiva da mente humana, faz-se necessário passar por um nível de análise e acreditar que os sistemas cognitivos vão além de computar informações. Eles têm uma função representacional. Somente os sistemas cognitivos podem aprender, sendo que “aprender é adquirir e modificar representações do mundo” (p.64).

As representações acontecem por meio de interações com o mundo, pois mente e ambiente se constroem mutuamente. A representação implica na codificação de uma informação em um sistema de memória. Ela deve ter um conteúdo semântico de si mesma.

¹ Pozo (2005) diz que o *homo discens* é o maior grau de evolução do ser humano, caracterizando-o como um sujeito aprendente.

Estudos na área da psicologia cognitiva explicam que as representações específicas se transformam em sistemas de aprendizagens específicos. Os animais que possuem representações específicas constroem seu ambiente e aprendem sobre ele, sendo que aprender, neste caso, não significa adquirir novas representações arbitrárias, mas sim usar as restrições impostas pelas representações específicas e assim poder controlar as mudanças produzidas pelo ambiente.

Já as representações explícitas, unicamente humanas, não existem somente em decorrência da consciência individual, mas também e, especialmente, da transmissão cultural.

Pozo (2005) afirma que a aprendizagem é compreendida como a aquisição e a mudança de representações implícitas e encarnadas, em domínios do conhecimento. Estes domínios são: técnico, natural, social e lingüístico. E que ao processarmos as nossas emoções em forma de ações e reações, bem como a dos outros, estamos dando procedência às representações encarnadas, ou seja, ao conhecimento.

O ser humano, e como tal o professor, traz na sua experiência de vida aprendizagens implícitas que poderão influir no seu modo de aprender e ensinar. Assim como o educador, cada educando também chega à escola com uma história de vivências que irá interferir no seu modo de construir o conhecimento.

Claxton (2005) entende que “a aprendizagem não é uma atividade homogênea: ela ocorre de muitas formas e dimensões.” (p.15) Ela acontece em distintos estágios de desenvolvimento, incluindo as diferentes idades, desde a infância até a velhice.

Esse autor entende que a aprendizagem acontece por meio da interação de três “pedras” fundamentais: a resiliência, o que auxilia a pessoa a sempre tentar; a desenvoltura, saber o que fazer diante situações de problemas; e a reflexividade, uma base de tolerância emocional. Para que isto aconteça faz-se o uso da caixa de ferramentas cognitivas². Cada pessoa possui as ferramentas necessárias para construir seu conhecimento, mas precisa saber utilizá-las na hora e momento correto.

Nesse aspecto entende-se que ensinar é fundamental e ensinar a utilizar a caixa de ferramentas de forma adequada, em diversos contextos reais, é imprescindível. O professor pode ser alguém que ensina a explicitar o que está implícito, sem trabalhar no sutil. Para dar um significado ao ensinar é preciso ir a fundo, sabendo que os conteúdos podem ser relacionados com a realidade, não ficando somente no como, mas também no quando, onde e

² Caixa de ferramentas cognitivas – conjunto de processos utilizados para adquirir novos conhecimentos

no por que. Freire (1998, p. 52) diz que “ensinar não é transferir conhecimentos, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou para a sua construção”. A partir do momento que há um significado no ensinar e o entendimento da realidade em que os alunos estão inseridos, o papel do professor ganhará terá maior importância na prática pedagógica.

De outra forma, Hargreaves (2004) enfatiza o papel do professor na escola e na nossa sociedade. Para ele, o professor passa por um período de baixa auto-estima decorrente de uma história em que a educação está relacionada às decisões e interesses políticos. Porém, esta profissão deve se reerguer, pois a sociedade necessita de educação, pois, para o autor, ensinar é.

um trabalho cada vez mais complexo, exigindo os padrões mais elevados de prática profissional para um desempenho adequado. É a profissão central, o agente fundamental da mudança da sociedade do conhecimento de nossos dias (HARGREAVES, 2004, p.171).

O autor também fala sobre o papel fundamental dos professores, denominando-os de “parteiras da sociedade do conhecimento”. Salienta, ainda, que os docentes não são aplicadores de aprendizagem e sim fomentadores, pois devem ir além das técnicas de ensino, levando em conta as questões sociais, morais e emocionais dos educandos (HARGREAVES, 2004).

Sabe-se que o processo ensino/aprendizagem é uma construção mútua, de interação entre o professor e o aluno. Freire salienta que

(...) nas condições de verdadeira aprendizagem os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo (FREIRE, 1998, p.29).

Para o autor, a interação com o meio e com o outro é primordial para a aprendizagem. Sendo assim, o papel do educador vai além do mediador, pois ele é um orientador e é fundamental para construir e reconstruir o conhecimento.

Nessa perspectiva, Vygotsky (1991) afirma que o sujeito não é apenas ativo e sim interativo, pois os seus conhecimentos são constituídos por meio das relações intrapessoal e interpessoal, ou seja, na relação consigo e com o outro. A aprendizagem é fundamental ao desenvolvimento dos processos internos sendo que estes acontecem com a interação com

outras pessoas e o ambiente influencia na internalização das atividades cognitivas no sujeito para o desenvolvimento do aprendizado.

Os educadores e os educandos são sujeitos interativos e fundamentais para que o conhecimento seja adquirido, cada um dentro da sua história, com suas aprendizagens implícitas e explícitas, com uma maneira diferente de aprender. Nesta interação cada sujeito aprendiz tem o seu papel, devendo haver respeito ao outro, ao modo entender, construir e reconstruir o seu aprendizado. Professor e aluno precisam descobrir juntos o melhor caminho para que as aprendizagens aconteçam. Pedro (2004) fala desta interação, salientando o papel do professor e seu aprendizado

Ser professor é substancialmente saber “fazer o aluno aprender”, partindo da noção de que ele é a comprovação da aprendizagem bem-sucedida. Somente faz o aluno aprender o professor que bem aprende (p.120).

Estar atento aos seus aprendizados é importante para que o educador se conheça melhor, consiga entender como seu aluno aprende e, assim consiga tornar o ensino que promova a aprendizagem.

Como já foi falado anteriormente, nesse segmento, entende-se que o processo de aprendizagem é o resultado da interação do indivíduo com o meio em que está inserido e da influência que este promove sobre ele. Tratando-se do ambiente educativo, o professor apresenta o papel fundamental de mediador entre o saber elaborado e a produção de cada aluno, incentivando-os à criatividade, competência e a serem cidadãos críticos. Cabe ao mediador, ainda, fomentar no aluno a busca pela relação entre os conteúdos estudados e a realidade vigente, tornando o processo de aprendizagem eficiente.

Nos ambientes educativos, mesmo quando o professor é um fomentador de aprendizagem, pode acontecer de alguns alunos encontrarem barreiras, dificultando seu aprendizado.

Para Barbosa (2007), as dificuldades apresentadas na aprendizagem podem estar relacionadas a diferentes fatores como, por exemplo, pela inexistência de estimulação, pela estimulação inadequada, por não possuir vínculos afetivos adequados com as situações formais de aprendizagem, pela falta de condições cognitivas mínimas ou por apresentarem obstáculos de caráter funcional, orgânico ou da articulação do pensamento.

Ao se deparar com os obstáculos no processo de educação e ainda com a postura do professor, Barbosa (2007) salienta que

é importante para o professor conhecer os aspectos ligados à estruturação e ao funcionamento do organismo, portanto, é um crime fazê-lo acreditar que este conhecimento é suficiente para que transforme sua prática educativa e obtenha sucesso no que se refere à ação de ensinar / aprender (pág. 53).

Quando o aluno está apto a obter novos conhecimentos, não estará colocando em funcionamento apenas seus aspectos orgânicos, pois a aprendizagem exige o entrelaçar do organismo, da estruturação cognitiva, de emoções entre muitos outros aspectos humanos, sociais e culturais.

Com base nos dados obtidos por meio de pesquisa qualitativa, utilizando entrevista com questões abertas, observou-se que a dificuldade na aprendizagem é uma realidade de escolas públicas e privadas. Tal dado mostra que as diferenças entre as realidades vivenciadas por discentes de ambas as escolas, não são determinantes, pois os fatores que provocam ineficiências no processo de aprendizagem são de origens distintas. Todos os professores entrevistados afirmam darem apoio aos seus alunos que apresentam alguma dificuldade na aprendizagem, porém as ajudas detectadas são diferentes.

O gráfico a seguir mostra os dados encontrados na pesquisa.

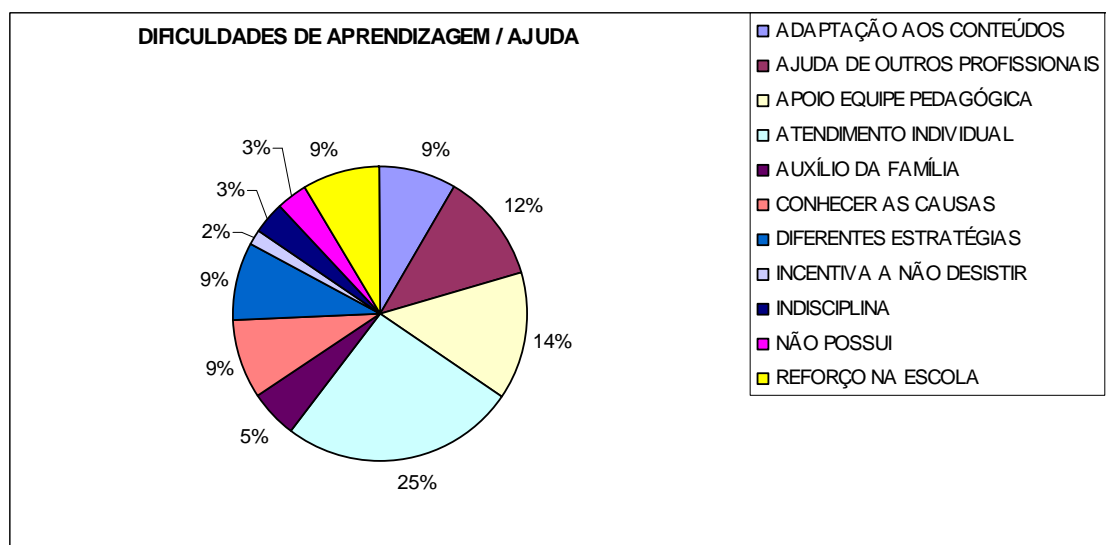


Gráfico com dados das dificuldades de aprendizagem e ajuda por parte dos professores

Fonte: Pesquisa Objetivos do Ensino Fundamental – teoria e prática

Os dados mais significativos da pesquisa revelam que dos professores entrevistados, 12% afirmam encaminhar seus alunos com dificuldades para outros profissionais e 14% para o Apoio Pedagógico. Tal atitude é questionada por Barbosa (2007) no sentido do professor correr o risco de ter um papel passivo em relação ao aluno, transpondo a responsabilidade de auxílio a outros profissionais, sem buscar a ajuda necessária durante o processo de ensino/aprendizagem. As dificuldades presentes em tais processos não devem ser encaradas como permanentes, em que se buscam curas, e sim como obstáculos que devem ser vencidos com ou sem o auxílio de outros profissionais, deixando ao professor a responsabilidade de sanar e propiciar que o educando supere suas dificuldades. (BARBOSA, 2007)

Dos professores entrevistados, 25% explicam que auxiliam seus alunos individualmente quando há alguma dificuldade. Alguns relatam que preparam atividades diferenciadas, preocupam-se para que o aluno não se sinta mal perante os colegas. Outros afirmam que mesmo sendo difícil, devido ao número de alunos, dedicam-se um tempo maior aqueles que precisam de auxílio, pois são eles a grande preocupação em sala de aula. Este dado referente à postura do professor como mediador ativo em sala de aula e participativo aos trabalhos paralelos realizados por outros profissionais, é relevante, pois contribui para superar os obstáculos encontrados durante o processo de aprendizagem.

Outro dado relevante obtido na pesquisa se baseia em reconhecer o que ocasiona a dificuldade de aprendizagem, pois 9% dos docentes estão preocupados com as causas, assim como conhecê-las. Alguns professores relatam que utilizar a estratégia de conversar com seus alunos pode auxiliar na identificação dos fatores que estão os prejudicando, outros preferem realizar avaliações para saber qual a origem da dificuldade e, em seguida, encaminhá-los para os profissionais adequados.

De acordo com Barbosa (2007), as dificuldades em aprender podem ser de origem emocional, cultural, cognitiva, orgânica ou funcional. E ainda apresenta como relevante

a dislexia, a síndrome, a deficiência, a defasagem, e o disfuncionamento saltam os olhos dos profissionais, dos pais e dos próprios sujeitos que apresentam tais sintomas. Todos desejam a existência de fórmulas mágicas, receitas ou métodos incidam que diretamente no problema, muitas vezes, sem considerar o percurso realizado até ali, o esforço feito, os resultados já obtidos e, principalmente, a autoria do aprendiz na superação de suas dificuldades (pág.167).

Desta maneira, não se pode levar em conta apenas o sintoma que o aprendiz apresenta e sim todo o contexto que o mesmo está inserido. Torna-se assim indispensável à integração da família e escola para diagnosticar a origem do problema e em parceria de ambos, ou ainda, com a participação de um outro profissional, desenvolver um trabalho paralelo para sanar as dificuldades apresentadas, sem esquecer da importância de salientar e incentivar a cada vitória conquistada.

Considerações finais

Por meio da pesquisa realizada com os professores da escola pública e privada observou-se que existe uma preocupação para com a aprendizagem dos alunos. Logo, entende-se que as falas dos professores que atuam no Ensino Fundamental da educação básica, estão em consonância com o artigo 32º da LDB 9394/96, assim como os incisos I e III.

Dos trinta e um questionários entregues apenas um professor registrou não haver nenhum tipo de dificuldade de aprendizagem. Os dados mostram que os professores estão atentos às questões de aprendizagem de sala de aula e o fato de perceberem os obstáculos apresentados, assim como um movimento para saná-los demonstram o compromisso com os educandos e a busca da transformação da prática pedagógica.

Freire (2007) enfatiza que a prática pedagógica é uma construção mútua entre educador e educandos.

Educador e educandos (liderança e massas) co-intencionados à realidade, se encontram numa tarefa em que ambos são sujeitos no ato, não só de desvendá-la e, assim, criticamente conhecê-la, mas também no de recriar esse conhecimento. Ao alcançarem, na reflexão e na ação em comum, este saber da realidade, se descobrem como seus refazedores permanentes (p.64).

A partir do momento que os educadores e educadoras passem a conhecer sua prática de forma crítica, e a partir daí fazer a reflexão das suas ações, encontraremos o compromisso, por parte de todos os professores, da formação de cidadão que transformem a realidade.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, L. M. **Psicopedagogia: um diálogo entre a psicopedagogia e a educação**. 4 ed. Curitiba: Bolsa Nacional do Livro, 2007.

BRASIL. **Lei 9394, de 20 de dezembro de 1996.** Disponível no site http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm. Acessado no dia 15/08/08.

CLAXTON, G. **O desafio de aprender ao longo da vida.** Porto Alegre: Artmed, 2005.

DEMO, P. **Professor do futuro e reconstrução do conhecimento.** In: MACIEL, Lizete Shizue Bomura (org.) **Formação de Professores : Passado, Presente e Futuro.** São Paulo: Cortez, 2004.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia.** 9 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

_____. **Pedagogia do Oprimido.** 45 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

HARGREAVES, A. **O Ensino na Sociedade do Conhecimento:** Educação na era da insegurança. Porto Alegre: Artmed, 2004.

POZO, J. I. **Aquisição do Conhecimento:** Quando a carne se faz verbo. Porto Alegre: Artmed, 2005.

VIGOTSKI, L. S. **Pensamento e Linguagem.** 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.